

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2014

Direitos reservados para Marcador Editora,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© 2007 by Bastei Lübbe AG, Köln

Título original: *Im Land der Weissen Wolke*

Autora: Sarah Lark

Tradução: Ana Mendes Lopes

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Maria João Gomes

Arranjo de capa: Bruno Rodrigues/Marcador

Imagens de capa: Thinkstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 373 210/14

1.ª edição, Lisboa, abril, 2014

Reimpressão, Lisboa, agosto, 2018

A Igreja Anglicana de Christchurch, Nova Zelândia, procura mulheres jovens e respeitáveis, com experiência nas tarefas domésticas e na educação de crianças, que estejam interessadas em contrair matrimónio cristão com membros da nossa comunidade, com boa reputação e situação económica estável.

O olhar de Helen deteve-se brevemente no discreto anúncio da última página do boletim da igreja. A professora tinha folheado o boletim por instantes, enquanto os seus alunos resolviam em silêncio um exercício de gramática. Helen teria preferido ler um livro, mas as perguntas constantes de William interrompiam a sua concentração. A cabeleira castanha do menino de onze anos voltou a erguer-se dos deveres.

– Menina Davenport, no terceiro parágrafo, onde diz *que*, é um pronome relativo ou uma conjunção?

Helen pousou o boletim com um suspiro e explicou, pela milésima vez naquela semana, a diferença entre o pronome relativo e a conjunção. William, o filho mais novo de Robert Greenwood, que a havia contratado, era um menino encantador, mas não exatamente possuidor de grandes dotes intelectuais. Precisava de ajuda em todos os exercícios, esquecia-se das explicações de Helen assim que esta acabava de lhas dar e o seu verdadeiro talento era ficar com um ar comovidamente ausente e encantar os adultos com a sua voz de soprano, doce e infantil. Lucinda, a mãe de William, deixava-se sempre enganar. Quando o menino começava a bajulá-la e sugería que fizessem qualquer coisa juntos, Lucinda cancelava de forma sistemática as aulas que Helen tinha programado. Era por esse motivo que William ainda

não conseguia ler fluidamente e até os exercícios mais simples de ortografia lhe exigiam um esforço excessivo. Assim, seria impensável o menino prosseguir os seus estudos superiores em Eaton ou Oxford, como o seu pai sonhava.

O irmão mais velho, George, de dezasseis anos, nem sequer se dava ao trabalho de fazer de conta que entendia. Revirou os olhos e mostrou no livro de textos a frase com que William se debatia havia meia hora. George, um rapaz bastante desajeitado e alto, já tinha acabado a tradução de latim. Fazia os exercícios sempre com grande velocidade, embora cometesse alguns erros. As disciplinas clássicas aborreciam-no. Ele aguardava com impaciência o dia em que faria parte da empresa de importação e exportação do pai. Sonhava viajar para países longínquos e fazer expedições aos novos mercados das colónias que, sob a soberania da rainha Vitória, surgiam quase a cada nova hora. Não havia dúvidas de que nascera para ser comerciante. Com aquela idade já demonstrava destreza para a negociação e sabia tirar partido do seu considerável encanto. Sabia até usá-lo com Helen e assim reduzir as horas de aulas. Naquele dia, tentava também fazer com que estas acabassem mais cedo quando, finalmente, William percebeu o intuito do exercício, ou pelo menos de onde podia copiar a resposta. Quando Helen se preparou para pegar no caderno de George, a fim de lhe corrigir o exercício, o rapaz afastou-o com um ar provocador.

– Oh, menina Davenport, quer na realidade corrigir os exercícios agora? Está um dia demasiado bonito para ficarmos aqui fechados! Estávamos melhor a jogar uma partida de críquete... Devia aperfeiçoar a sua técnica. De contrário, não poderá participar nas festas de jardim e nenhum dos jovens cavalheiros reparará em si. Assim, nunca fará fortuna casando-se com um conde e terá de dar aulas a casos perdidos, como Willy, até ao fim dos seus dias.

Helen desviou o olhar, olhou através da janela e franziu o sobrolho ao ver as nuvens negras.

– Não era má ideia, George, mas as nuvens estão a ameaçar chuva. Quando sairmos daqui e chegarmos ao jardim, a chuva vai desabar mesmo em cima das nossas cabeças, o que decerto não me tornará mais atraente para os cavalheiros da nobreza. Mas como chegaste à conclusão de que são essas as minhas intenções?

Helen tentou adotar uma expressão completamente indiferente. Sabia fazê-lo muito bem: quando se trabalhava como preceptora de uma família da classe alta londrina, a primeira coisa que se aprendia era a dominar as expressões do próprio rosto. A posição que Helen ocupava na casa dos Greenwood não era a de um membro da família, mas também não era a de uma empregada normal. Participava nas refeições familiares e, muitas vezes, nas atividades que a família organizava nos tempos livres, mas procurava sempre não emitir opiniões quando não lhas pediam e tentava não chamar a atenção de qualquer outro modo. Era por este motivo que, nas festas de jardim, Helen não se misturava de forma cordial com os convidados mais jovens. Ao invés, mantinha-se um pouco afastada, conversava com as senhoras e vigiava discretamente os seus alunos. Como era natural, o seu olhar passava de vez em quando pelo rosto dos convidados varões mais jovens e por vezes entregava-se a um breve e romântico devaneio em que passeava com um charmoso visconde ou barão pelo jardim da casa dos seus sonhos. Mas era impossível que George se tivesse apercebido disso!

George encolheu os ombros.

– Então, está sempre a ler os anúncios de casamentos! – respondeu ele com insolência, sorrindo de modo conciliador para o boletim da igreja. Helen aborreceu-se consigo mesma por ter deixado o boletim aberto junto ao aluno. Era inegável que George, entediado, deitara o olho enquanto Helen ajudava William.

– Além disso, a menina é muito bonita – acrescentou George, adulator. – Porque não haveria de se casar com um barão?

Helen desviou o olhar. Sabia que devia repreender George, mas o rapaz divertia-a. Se continuasse a ser assim, chegaria longe, pelo menos com as senhoras e também no mundo dos negócios, no qual os seus hábeis elogios seriam certamente apreciados. Não obstante, de que lhe serviriam em Eaton? Além de que Helen era imune a tão torpes elogios. Sabia bem que tinha uma beleza clássica. As suas feições eram harmoniosas, mas não chamativas: a boca era um pouco pequena, o nariz demasiado fino e os olhos, cinzentos e serenos, tinham uma expressão demasiado cética e, sem sombra de dúvida, demasiado vivida para despertar o interesse de um jovem rico e aventureiro. O atributo mais esplendoroso de Helen era o seu cabelo lustroso, liso

e comprido até à cintura, cuja cor castanha intensa assomava uns tons acobreados quando nela incidia o sol. Talvez pudesse causar sensação se deixasse o cabelo solto ao vento, como faziam algumas raparigas durante os piqueniques ou as festas ao ar livre a que Helen comparecia, acompanhando os Greenwood. Durante os passeios com os seus admiradores, as jovens *ladies* mais ousadas aproveitavam o pretexto de terem demasiado calor e tiravam o chapéu, ou fingiam que o vento lhes arrancava os toucados, quando um jovem as levava num barco a remos ao lago de Hyde Park. Nessas ocasiões, agitavam o cabelo, libertando-o como que por acidente das fitas e ganchos, e deixavam os homens admirar o esplendor dos seus cachos.

Helen nunca se dera a tais manifestações. Filha de um pároco, recebera uma educação austera e desde menina que usava o cabelo entrançado e apanhado. Além disso, fora obrigada a crescer depressa de mais: a mãe morrera quando ela tinha apenas doze anos e o pai acabara por encarregar a filha mais velha dos assuntos domésticos e da educação dos três irmãos mais novos. O reverendo Davenport não se interessava pelos problemas que ocorriam entre a cozinha e o quarto das crianças, a única coisa que o preocupava eram os deveres que tinha para com a sua comunidade e a tradução e interpretação de textos religiosos. Só dedicava alguma atenção a Helen quando esta o acompanhava em alguma dessas funções; por sua vez, Helen só escapava à intensa agitação da casa da família quando se refugiava no escritório do pai. Foi assim que, de modo praticamente natural, leu a Bíblia em grego enquanto os irmãos começavam a aprender o abecedário. Escrevia os sermões do pai com uma caligrafia bonita e copiava os rascunhos dos artigos que este redigia para os boletins da grande comunidade de Liverpool. Não lhe sobrava muito tempo para outras distrações. Enquanto Susan, a irmã mais velha, aproveitava as quermesses de beneficência e os piqueniques da igreja para conhecer os jovens mais notáveis da comunidade, Helen colaborava na venda dos artigos, confeccionava bolos e servia o chá.

Aconteceu o que já era de prever: com dezassete anos, Susan casou-se com o filho de um conhecido médico, enquanto Helen, depois da morte do pai, se viu obrigada a aceitar o cargo de professora particular. O seu salário servia também para ajudar a pagar os estudos dos irmãos, em Direito e Medicina. A herança que o pai deixara não

chegava para financiar uma formação adequada para os rapazes, que, por sua vez não faziam grande esforço por concluírem rapidamente os estudos. Com um acesso de raiva, Helen recordou-se que o irmão Simon voltara a suspender um exame que devia ter feito na semana anterior.

– Os barões devem casar-se com baronesas – respondeu, um pouco desagradada com a observação de George. – E quanto a isto – acrescentou, acenando com o boletim da igreja –, estava a ler o artigo, não o anúncio.

George não lhe respondeu, mas sorriu de forma enigmática. O artigo versava sobre a aplicação de calores nos casos de artrite. Era um assunto que certamente interessaria aos membros mais idosos da comunidade, mas seria seguro dizer que a menina Davenport ainda não sofria de dores nas articulações.

De qualquer maneira, a professora consultava agora o relógio e decidiu dar por encerrada a aula da tarde. Faltava apenas uma hora para que o jantar fosse servido; se bem que George precisava apenas de cinco minutos para se pentear e mudar de roupa para o jantar, e Helen não necessitava de muito mais tempo; no caso de William, despir-lhe a bata escolar manchada de tinta e vestir-lhe uma roupa apresentável demorava sempre mais algum tempo. Helen dava graças por não ser obrigada a cuidar do aspeto de William. Para isso, o menino tinha uma ama.

A jovem preceptora acabou a aula com algumas observações gerais sobre a importância da gramática, a que os meninos prestaram apenas uma atenção superficial. Imediatamente depois, William levantou-se com toda a pressa, sem voltar a olhar para o caderno nem para os manuais.

– Tenho de ir mostrar as minhas pinturas à mamã! – informou, deixando para Helen a tarefa de arrumar as suas coisas. Não podia arriscar-se a que William chegasse junto da mãe a chorar, queixando-se de uma qualquer injustiça atroz infligida pela professora. George olhou de relance para o fraco desenho de William, que a mãe não tardaria em receber com exclamações entusiasmadas, e encolheu os ombros, resignado. A seguir, reuniu as suas coisas à pressa antes de sair. Entretanto, Helen reparou que o rapaz olhou para ela com uma expressão compassiva. Ficou surpresa ao recordar a observação que

George fizera havia pouco: Se não encontrar marido, terá de dar aulas a casos perdidos, como Willy, até ao fim dos seus dias.

Helen pegou no boletim da igreja. Na verdade, apetecia-lhe atirá-lo para longe, mas pensou melhor. Guardou-o no bolso quase disfarçadamente e levou-o para o quarto.

Robert Greenwood não tinha muito tempo para estar com a família, no entanto, o jantar com a mulher e com os filhos era sagrado. A presença da jovem preceptora não o incomodava. Pelo contrário, achava muito estimulante incluir a menina Davenport nas conversas e conhecer a sua opinião sobre o que acontecia no mundo, sobre literatura e sobre música. Era óbvio que ela entendia mais desses assuntos do que a sua mulher, cuja educação clássica deixava muito a desejar. Os interesses de Lucinda limitavam-se à gestão da casa, a idolatrar o filho mais novo e a colaborar com o comité de senhoras na organização de diversos eventos de beneficência.

Naquela noite, Robert Greenwood voltou a sorrir amistoso quando Helen entrou na sala e ajudou-a com a cadeira, depois de cumprimentar respeitosamente a jovem professora. Helen retribuiu o sorriso, mas certificou-se de que incluía naquele gesto a senhora Greenwood. Não queria em caso algum que se suspeitasse que estava a namoriscar com o patrão, apesar de se tratar de um homem atraente. Era alto e magro, tinha um rosto largo e inteligente, olhos castanhos e curiosos. O fato castanho com a corrente do relógio de ouro assentava-lhe como uma luva e os seus modos não se ficavam atrás dos dos cavalheiros das famílias nobres com quem os Greenwood mantinham relações comerciais. Não obstante, não eram inteiramente aceites nesses círculos, que os consideravam forasteiros. O pai de Robert Greenwood criara a sua florescente empresa quase do nada e o filho conseguira aumentar a fortuna, esforçando-se por receber algum reconhecimento social. Para isso, casara-se com Lucinda Raiford, oriunda de uma família nobre falida; de acordo com os rumores que circulavam pela alta sociedade londrina, o gosto que o pai de Lucinda nutria pelo jogo e pelas corridas de cavalos fora o responsável pelo declínio. Lucinda relacionava-se com a burguesia a contragosto e, como reacção ao declínio da posição social da família, tinha tendência para exagerar. Por isso, as reuniões e festas de jardim dos Greenwood eram sempre

mais opulentas do que as que decorriam nas residências dos restantes notáveis da sociedade londrina. As outras damas aproveitavam essas ocasiões, embora não se coibissem de as criticar.

Também naquela noite Lucinda se aperaltara com demasiada solenidade para um simples jantar de família. Tinha um elegante vestido de seda lilás e a sua criada particular devia ter passado horas a penteá-la. Lucinda tagarelava sobre uma reunião do comité de senhoras em que participara naquela tarde, na qual se falara do orfanato local, mas não obteve grande resposta. Nem Helen nem o senhor Greenwood estavam particularmente interessados no assunto.

– E o que fizeram vocês neste dia tão bonito? – perguntou finalmente a senhora Greenwood à família. – A ti nem preciso de perguntar nada, Robert, porque o teu dia girou com certeza em torno de negócios, negócios e mais negócios – disse, dirigindo ao marido um olhar que pretendia ser afetuoso.

A senhora Greenwood reclamava que o marido lhe prestava muito pouca atenção, a ela e às suas causas sociais. Robert fez uma careta involuntária. O mais certo era estar prestes a dar-lhe uma resposta desagradável, já que os seus negócios não só alimentavam a família, como também tornavam possível que Lucinda fizesse parte dos vários comités de senhoras. De qualquer maneira, Helen duvidava que a senhora Greenwood tivesse sido escolhida pelas suas notáveis capacidades organizativas e não pelos generosos donativos que o marido fazia.

– Bem, tive uma conversa muito interessante com um comerciante de lã da Nova Zelândia, e... – começou por dizer Robert, olhando para o filho mais velho, mas Lucinda continuou a falar, enquanto olhava de modo indulgente sobretudo para William.

– E vocês, meus filhos queridos? Certamente estiveram a jogar no jardim, não é verdade? William, querido, voltaste a ganhar ao George e à menina Davenport no críquete?

Helen manteve os olhos colados ao prato, mas pelo canto do olho percebeu que George revirava os seus para o céu, como sempre costumava fazer, como se pedisse ajuda a um anjo compreensivo. Na verdade, William só ganhara uma vez ao irmão mais velho, e porque George estava muito constipado. Normalmente, até Helen lançava a bola com maior destreza, se bem que muitas vezes jogava

propositadamente mal para que o mais pequeno ganhasse. A senhora Greenwood apreciava esse seu gesto, ao passo que o senhor Greenwood o recriminava e chamava a atenção da professora.

– O menino deve acostumar-se à ideia de que a vida está cheia de duros fracassos! – exclamava com severidade. – Deve aprender a perder, só depois conseguirá ganhar.

Helen duvidava que William alguma vez se sáísse bem, fosse qual fosse o meio em que se movia, mas a ténue compaixão que sentia em relação ao pobre menino desvaneceu-se perante a resposta de William.

– Oh, mamã, a menina Davenport não nos deixou jogar! – lamentou-se, com uma expressão absolutamente desolada. – Ficámos o dia inteiro fechados na sala de aula, a estudar, a estudar e a estudar um pouco mais.

Como já seria de esperar, a senhora Greenwood olhou de imediato para Helen com uma expressão de reprovação.

– É verdade, menina Davenport? Já sabe que os meninos precisam de ar puro. Com esta idade não podem ficar o dia inteiro sentados a ler livros.

Helen estava furiosa, mas não podia acusar William de mentir. Para seu grande alívio, George interveio.

– Isso não é verdade. O William saiu para dar um passeio no fim do almoço, como faz todos os dias. Mas começou a chover um pouco e não queríamos estar na rua. De qualquer maneira, a ama levou-o ao parque, mas já não tivemos tempo de jogar críquete antes das aulas.

– Por isso, o William esteve a pintar – acrescentou Helen, procurando mudar de assunto. Talvez a senhora Greenwood se pusesse a falar do desenho, «digno de ser exibido num museu», e se esquecesse do passeio. Porém, a estratégia não surtiu o efeito desejado.

– Ainda assim, menina Davenport, se o tempo a meio do dia não ajudar, deve fazer um período de descanso. Os círculos que William frequentará um dia mais tarde dão quase tanta importância à forma física como aos estímulos intelectuais.

William parecia gostar de ver a preceptora a ser repreendida e Helen voltou a pensar no anúncio do boletim...

George parecia ter lido os pensamentos da preceptora. Como se a conversa com William e com a mãe nunca tivesse existido, retomou

a última observação do pai. Helen já reparara antes nesta artimanha entre pai e filho e não podia deixar de admirar a elegante transição. No entanto, desta vez, o comentário de George fê-la corar.

– A menina Davenport nutre um grande interesse pela Nova Zelândia, pai.

Quando todos os olhos se viraram na sua direção, Helen engoliu em seco.

– Ai sim? – perguntou Robert Greenwood, com calma. – Está a pensar em emigrar? – Deu uma gargalhada. – Nesse caso, a Nova Zelândia é uma boa opção. Não é demasiado quente nem existem lá pântanos onde se apanhe a malária, como na Índia. Não há indígenas sanguinários como na América. E não existem colonos descendentes de criminosos como na Austrália...

– A sério? – perguntou Helen, feliz por voltar a conduzir a conversa para território neutro. – A Nova Zelândia não foi colonizada por presidiários?

O senhor Greenwood abanou a cabeça.

– Nem por sombras. As comunidades locais foram fundadas quase sem exceção por cristãos britânicos bastante tenazes, e ainda hoje assim é. É óbvio que não quero com isto dizer que não se encontrem lá indivíduos que não são dignos da nossa confiança. Sobretudo nos portos baleeiros da costa oeste ainda existem alguns trapaceiros e as colónias de tosquiadores também não são compostas por muitos homens honrados. Mas a Nova Zelândia não é, com toda a certeza, um depósito da escória social. A colónia ainda é jovem. Só reclamou a sua independência há um punhado de anos.

– Mas os nativos são perigosos! – interveio George. Era evidente que também ele queria agora demonstrar os seus conhecimentos e Helen sabia, pelo que demonstrava nas aulas, que ele tinha uma preferência e uma memória notáveis no que dizia respeito aos conflitos bélicos. – Até há pouco tempo ainda havia alguns confrontos, não é verdade, papá? Não contou que queimaram a lã de um dos seus parceiros comerciais?

O senhor Greenwood respondeu ao filho com um complacente aceno afirmativo.

– É verdade, George. Mas isso já é passado... pensando bem, já lá vão dez anos, por isso, ainda que ocasionalmente surjam algumas

escaramuças, em princípio elas não se devem à presença dos colonos. Os colonos sempre foram dóceis em relação aos comerciantes. Já no que diz respeito à venda dos terrenos... e quem pode negar que nesses casos os nossos compradores de terras não prejudicaram um ou outro chefe tribal? Não obstante, desde que a rainha enviou para lá o nosso bom capitão Hobson como tenente governador, esse tipo de conflitos deixou de existir. O homem é um estrategista genial. Em 1840 conseguiu que quarenta e seis chefes tribais assinassem um tratado em que se declaravam súbditos da rainha. Desde então, a Coroa tem prioridade em todas as transações de terras. Infelizmente, nem todos concordaram com o tratado e nem todos os colonos são pacíficos. Por isso, de vez em quando, acontecem pequenos motins. Mas, no geral, o país é seguro. Já vê, menina Davenport, que não precisa de ter medo! – exclamou o senhor Greenwood, piscando o olho a Helen.

A senhora Greenwood franziu o sobrolho.

– Não está mesmo a pensar em abandonar a Inglaterra, pois não, menina Davenport? – perguntou, bastante mal-humorada. – Não está a pensar responder àquele anúncio indescritível que o pároco publicou no boletim da igreja, pois não? Contrariando a recomendação expressa do comité de senhoras, diga-se de passagem.

Helen esforçou-se mais uma vez por não corar.

– Que anúncio? – perguntou Robert, dirigindo-se a Helen, que se limitou a responder de modo evasivo.

– Pois... não sei bem do que se trata. Era apenas uma pequena nota.

– Uma comunidade da Nova Zelândia procura meninas que se queiram casar – explicou George ao pai. – Ao que parece, as mulheres escasseiam naquele paraíso dos mares do Sul...

– George! – repreendeu-o a senhora Greenwood, escandalizada.

O senhor Greenwood limitou-se a rir.

– Paraíso dos mares do Sul? Não é bem assim; o clima é bastante parecido com o de Inglaterra – corrigiu o filho. – Mas não é nenhum segredo que no ultramar há mais homens do que mulheres. A exceção talvez seja a Austrália, onde foi parar toda a escória feminina da sociedade: vigaristas, ladras, put... bem, meninas de vida fácil. Mas quando se trata da emigração voluntária, as nossas damas são menos

amantes da aventura do que os cavalheiros. Ou vão para fora com os maridos, ou não vão de todo. O que é uma característica típica do sexo mais frágil.

– Exatamente! – exclamou a senhora Greenwood, dando razão ao marido, enquanto Helen tentava morder a língua. Não estava assim tão convencida da superioridade masculina. Bastava-lhe olhar para William ou pensar no seu próprio irmão, que prolongava indefinidamente os estudos. Bem escondido no quarto, Helen guardava um livro da feminista Mary Wollstonecraft, mas não devia mencioná-lo: a senhora Greenwood demiti-la-ia de imediato. – Sem a proteção de um homem, é contra a natureza feminina aventurar-se num imundo navio de emigrantes, instalar-se num país desconhecido e provavelmente encarregar-se de tarefas que Deus destinou aos homens. E enviar para o ultramar mulheres cristãs, com o intuito de se casarem, é sem dúvida quase um tipo de tráfico!

– É certo, mas as mulheres não são para ali enviadas sem preparação – interveio Helen. – O anúncio prevê que antes as pessoas se correspondam por carta. E falava especificamente de cavalheiros de boa reputação e situação estável.

– Pensei que não tinha lido o anúncio – brincou o senhor Greenwood, com um sorriso indulgente que retirava a carga severa das suas palavras.

Helen voltou a corar.

– Bem, talvez tenha passado os olhos...

George sorriu com ironia.

A senhora Greenwood parecia não ter ouvido a breve conversa. Há já algum tempo que se ocupava com outro aspeto da problemática neozelandesa.

– Muito pior do que a falta de mulheres nas colónias, é, na minha opinião, o problema com os criados – afirmou. – Ainda hoje discutimos essa questão no comité do orfanato. Aparentemente, as melhores famílias de... como se chama aquela terra? Christchurch? Seja como for, as famílias não conseguem arranjar criados decentes. E então as criadas de casa são as mais difíceis de encontrar.

– O que poderia ser interpretado como um sucedâneo da escassez geral de mulheres – observou o senhor Greenwood. Helen reprimiu um sorriso.

– Seja lá como for, o comité vai enviar algumas das nossas órfãs – continuou Lucinda. – Temos quatro ou cinco raparigas aplicadas, com cerca de doze anos, que já são crescidas o suficiente para ganharem o seu próprio sustento. Em Inglaterra, não encontram trabalho adequado. Embora aqui as pessoas prefiram raparigas um pouco mais velhas, lá vão certamente ficar encantadas com elas...

– Isso parece-me mais uma espécie de tráfico de mulheres do que os casamentos combinados – objetou o senhor Greenwood.

Lucinda olhou para ele com uma expressão furiosa.

– Estamos apenas a agir no melhor interesse das raparigas! – protestou, dobrando o guardanapo de modo afetado.

Helen tinha sérias dúvidas quanto a isso. O mais certo era ninguém se ter dado ao trabalho de ensinar às meninas os fundamentos básicos da lida doméstica que as boas casas esperavam numa criada. Assim sendo, as pobres meninas podiam, no máximo, trabalhar como ajudantes de cozinha, mas, como era óbvio, as cozinheiras preferiam raparigas do campo, mais robustas, e não meninas de doze anos, subnutridas, vindas de um orfanato.

– Em Christchurch, as meninas terão mais hipóteses de encontrar um bom trabalho. E, naturalmente, só as vamos enviar para casas de boa reputação...

– Naturalmente – disse Robert, em tom trocista. – Tenho a certeza de que manterão com os futuros empregadores das raparigas uma correspondência tão abundante quanto a que as jovens casadoiras vão manter com os seus futuros esposos.

Indignada, a senhora Greenwood franziu a testa.

– Robert, tu não me levas a sério! – repreendeu.

– Claro que te levo a sério, meu amor – respondeu o senhor Greenwood, com um sorriso. – Como poderia atribuir ao tão honrado comité do orfanato outra coisa que não as melhores e mais virtuosas intenções? Além de que não vão enviar as vossas pequenas discípulas para o ultramar sem qualquer vigilância. Talvez por entre as jovens que desejam contrair matrimónio se encontre alguma que esteja disposta a ocupar-se das meninas, a troco de uma pequena contribuição do comité para ajudar ao custo da viagem...

A senhora Greenwood não se manifestou e Helen voltou a fixar os olhos no prato. Mal tinha tocado no saboroso assado cuja preparação

levara certamente metade do dia à cozinha. Não obstante, apercebeu-se do olhar de soslaio, divertido e inquiridor, que o senhor Greenwood lhe enviara aquando do seu último comentário. Toda aquela questão levantava novas dúvidas. Por exemplo, Helen não levava em consideração que seria evidentemente necessário pagar a viagem até à Nova Zelândia. Seria possível deixar que o futuro esposo se encarregasse disso sem que Helen ficasse com remorsos? Ou, ao fazê-lo, o homem já estava a adquirir direitos sobre uma mulher que na verdade só lhe pertenceria quando, frente a frente, dissessem o sim?

Não, aquela história da Nova Zelândia era uma grande loucura. Helen tinha de a tirar da cabeça. Não estava destinada a ter a sua própria família. Ou estava?

Não, não devia pensar mais naquilo!

Mas nos dias que se seguiram, a verdade é que Helen Davenport não pensou noutra coisa.